



Simone Caputo Gomes

Cabo Verde  
Literatura em Chão de Cultura

## Cabo-Verde: Literatura em Chão de Cultura

Aparecida de Fátima Bosco Benevenuto<sup>1</sup>

*E no entanto é doce dizer pátria*

*Sonhar a terra livre e insubmissa*

*Inteiramente nossa.*

*(luar de agosto blogspot, 23; 3/2004, posted by C)*

*Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura*, publicado em 2008, pela Ateliê Editorial, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde e UNEMAT, resume a essência da trajetória de Simone Caputo Gomes. Atualmente, professora da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, a autora tem sido responsável pelo diálogo entre duas nações: Brasil e Cabo Verde.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, título do projeto: Cabo-Verde e Moçambique: duas nações em trânsito (o espaço nas obras *A candidata*, *Vera Duarte* e *A árvore das palavras*, Teolinda Gersão. Contato: cidabene@ig.com.br.

Não é exagero dizer que *Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura* é resultado de um estudo aprofundado da cultura do arquipélago. Simone Caputo Gomes não se dedicou somente à literatura desse país, mas infiltrou-se por todas as suas ramificações, o que resultou, em 2007, em sua premiação com a Medalha da Ordem do Vulcão de Primeira Classe, condecoração máxima concedida pelo Presidente da República de Cabo Verde, Comandante Pedro Pires. A leitura da obra já pode ser iniciada pela capa, uma vez que nela observamos uma das telas do caboverdiano Kiki Lima, cuja imagem torna-se matéria e repertório para os ensaios do livro.

Dividida em três partes: “Milho: semeando caminhos”, “Batuque: encontrando som e sintonia” e “Vulcão: soltando a voz”, a obra nos fornece um panorama da cultura caboverdiana a partir dos elementos de sua tradição, bem como o desejo da autora de manter o trânsito entre Cabo Verde e Brasil. Desejo esse identificado em seus ensaios que fomentam a discussão da necessidade da consciência identitária de cada nação para que, dessa forma, seja possível o diálogo entre nações, buscando uma nova definição do conceito de globalização. Para isso, a autora trabalha em busca de novas vozes no arquipélago, sobretudo, a feminina que luta, por meio da arte, pela construção de uma nação capaz de manter suas tradições e de se re(dimensionar); com isso, resvala na identificação com o Brasil.

Na primeira parte do livro, os ensaios reverberam sobre a trajetória cultural do arquipélago e sua identificação com a cultura brasileira. O primeiro ensaio, “Voltando ao começo: a poesia viva de Daniel Filipe – amor e liberdade propagados com caráter de urgência nos weblogs do século XXI”, apresenta o reencontro de Simone com Daniel Filipe, (reencontro já que a dissertação de mestrado da autora, na década de setenta, tinha como tema a obra de Daniel Filipe), agora nas telas e telas dos weblogs do século XXI. A pesquisadora verificou sites que se intertextualizam com as obras do autor. Dessa pesquisa constatou-se que muitos internautas têm se apropriado dos poemas de

Daniel Filipe para melhor compreensão da contemporaneidade. A *invenção do amor* (edição de 1976) é o poema que mais mobiliza os leitores em rede, segundo a autora: “certamente pelo que os seus principais temas representam de anseios perenes do ser humano: o amor e a liberdade” (p. 34).

Já no ensaio “Presença de Amílcar Cabral na Literatura da África de Língua Portuguesa e Crioula”, Simone perscruta os caminhos do líder africano, “considerado o ‘Pai’ da nacionalidade caboverdiana e guineense”. (p. 77). Amílcar Cabral, intelectual, guerrilheiro e poeta configura o projeto de libertação, sobretudo, de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Tendo a “independência de pensamento como origem das demais independências” (p. 80), o combatente buscou na senda cultural o “princípio operativo para as lutas da libertação e para a reentronização [do povo caboverdiano e guineense] na História” (p.80).

Cabe ressaltar que Amílcar-combatente-intelectual-poeta ainda é referência para muitas áreas do conhecimento, sobretudo, para os “caboverdianos nas ilhas e nas diásporas” (p. 86).

Cabral é noite!

Cabral é consciência!

Cabral é bandeira!

Cabral é liberdade! (p. 93).

Em “A poética crioula de Sérgio Frusoni” erige a língua crioula de Cabo Verde ao *status* literário da escrita como elemento cultural representativo dos valores dessa nação. A ensaísta demonstra como Frusoni aborda, no conjunto de suas obras, temas básicos do cotidiano caboverdiano, como: apego à terra, a fome, o drama de partir-ficar, entre outros; a relevância de seu trabalho resulta na produção bilíngue de suas obras, nas versões crioula e portuguesa, fornecendo um material peculiar aos estudos literários. O binômio emigração–regresso,

tema comum à literatura do arquipélago, ganha outra dimensão, o que se explicita em matéria poética:

E j'a m'ba e já m'bem;  
Já m'torná ba e torna bem;  
E ali'm li, de pê na tchôm,  
Em português,  
Já fui e já regresssei;  
já tornei a ir e tornei a regressar'  
aqui estou, de pés no chão, (p. 101).

Dialogando com a análise pontual da autora:

uma vez que “a língua crioula constitui o elemento cultural que mais assume, fixa e expressa os valores cabo-verdianos, a cultura cabo-verdiana enquanto comunidade de memória, com um sentimento de identidade que conjuga todo o Arquipélago e se estende à diáspora, gerando uma consciência de grupo bem demarcada (p. 98).

Também, ao analisar *Os avatares das ilhas*, de Danny Spínola, esclarece a professora que o autor procura “retratar o percurso histórico do povo caboverdiano, herói (e anti-herói) um pouco ao jeito de uma saga, ao mesmo tempo que retrata a cultura e idiossincrasia” (p. 108). Aportamos no Brasil, em tempos de *Claridade*, com o poema “Você, Brasil”, de Jorge Barbosa dedicado a Ribeiro Couto, “Eu gosto de Você Brasil, /porque Você é parecido com a minha terra. /Eu bem sei que Você é um mundão/ e que a minha terra são /dez ilhas perdidas no Atlântico, /sem nenhuma importância no mapa. (...)”, que confirma o deslumbramento pelos temas da literatura brasileira que ressoam, a partir da década de 30, nas terras africanas, “documentando os elos fortes entre as culturas africanas de língua portuguesa e o irmão atlântico” (p. 117), abrindo caminhos para o trânsito cultural entre essas duas nações.

No segundo bloco de ensaios, a autora privilegia a cultura e a busca da identidade da nação caboverdiana em um gênero. A poesia é sempre o aporte da resistência e da reivindicação. Desde Guilherme Dantas (1849-1888), passando por Eugénio Tavares (1867-1930), José Lopes (1872-1962) até as contribuições deste século, sobretudo, femininas, a poesia caboverdiana “vai encontrando sua identidade” (p. 137) para o “som” e a “sintonia” das vozes que ressoam em Cabo Verde, pois “Para lá da ilha/ Só existe a poesia” (p. 142).

Cabe ressaltar que a poesia caboverdiana adere à música e à pintura, já que no ensaio “Manuel Lopes: o nascimento de Vênus, a gênese da cultura e da literatura em Cabo Verde”, a autora nos brinda com a análise de *O galo cantou na baía* em que seu autor metaforiza o nascimento da morna caboverdiana ao associá-la ao nascimento de Vênus (como referência à tela de Botticelli), em seu conto, o que também não deixa de representar a personificação da mulher caboverdiana.

E entre morna, tinta e letra, a mulher caboverdiana aparece como figura relevante no encontro – “Cabo Verde: mulher, cultura, literatura”. A ensaísta nos esclarece que, compondo 60% da população, a mulher caboverdiana protagoniza muitas cenas em seu país, desde o trabalho na construção civil até a participação intelectual. Autoras como Orlanda Amarílis, Yolanda Morazzo, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Dina Salústio, entre outras, representam algumas das vozes femininas que ecoam pelo arquipélago. Da temática panfletária à metapoética, lirismo e subjetivismo; da poesia nacional à universal (geração da *Mirabilis*), essas vozes vão cantando a(s) ilha(s): “Sou a ilha emergida na esperança/ Sou a ilha perdida na distância” (p. 171).

Por isso justifica-se que a terceira parte seja reservada para analisar algumas das vozes de autoria feminina das ilhas de Cabo Verde. Dina Salústio é uma dessas vozes que ajudam a “pensar a mulher contemporânea e sua contribuição para a construção da

nacionalidade, da política e da cultura de seu país e de seu tempo” (p. 218), segundo Simone Caputo Gomes em “Mulher com paisagem ao fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde”. A ensaísta demonstra, também, que *Mornas eram as noites* traz no título a contemplação da cultura caboverdiana, tradicionalmente no canto feminino já que, além das “músicas na noite”, os textos dessa obra discorrem sobre “a liberdade (adiada), o grito feminino, o morrer de amor, o machismo ( “Campeão de coisa nenhuma”) , a origem (ilha de Santo Antão), as crianças abandonadas, o lugar de Mãe ( “Mãe não é mulher”), a maternidade precoce, as mulheres viciadas em bebida, a cumplicidade e a curiosidade de mulheres, entre outras coisas” (p. 220).

A ensaísta e professora dá os últimos traçados no quadro cultural caboverdiano em “Lição de crônica: um certo olhar de Fátima Bettencourt sobre Cabo Verde” ao analisar as crônicas da caboverdiana pela “simplicidade” e “beleza ” da escrita (p. 266).

Ainda sobre a voz feminina no chão de cultura do arquipélago vale ressaltar o ensaio “Ainda e sobretudo a paixão: *O arquipélago da paixão*, de Vera Duarte”, cujo tema aborda os poemas que marcaram a história literária do país, com o intuito de saudar a literatura caboverdiana e, ainda, depreender outros caminhos de uma literatura que está sendo construída pela presença da mulher e da paisagem do arquipélago, mesmo que por vezes o sujeito poético, em seu trajeto esteja “sob o peso de um mundo esmagador que lhe deixa esgotados e pendentes os braços, curvada e abatida a cabeça” (*Preces e súplicas ou os cânticos de desesperança*, 2005, p. 25)

A composição da tela *Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura* se completa com o traçado de “O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde”, apresentando-nos o percurso de consciência identitária naquele país pelo viés da letra, da morna, da tinta e, sobretudo, pela voz de autoria feminina.

**GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: Literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008 (312p.).**

**Referências bibliográficas**

DUARTE, Vera. *O arquipélago da paixão*. Mindelo: Artiletra, 2001.

\_\_\_\_\_. *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança*. Instituto Piaget, Lisboa, 2005.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: Editora USP, 2008.